

## AS VIRTUDES: SOBRE AS AÇÕES QUE POSSIBILITAM O ALCANÇE DA FELICIDADE NA PERSPECTIVA DE AL-FĀRĀBĪ

Virgínia Braga da Silva Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente trabalho surge dos estudos desenvolvidos sobre Abu Nasr Al-Fārābī (870-875 – 950) e tem o objetivo de investigar como esse filósofo compreende as virtudes e qual papel desempenham no processo de alcance da felicidade. O pensador árabe, manifestando a influência aristotélica, afirma que o fim último dos seres humanos e o bem absoluto é a felicidade. Ademais, a argumentação farabiana demonstra que esse bem superior só pode ser obtido quando se sabe o que ele é e quais ações devem ser feitas a fim de alcançá-lo, isto implica o conhecimento teórico e a prática, pois é preciso saber quais atos conduzem à felicidade e uma vez os conhecendo devem ser realizados. Para o desenvolvimento deste artigo foi realizado um trabalho bibliográfico, no qual são utilizadas algumas obras de Al-Fārābī, dentre as quais pode-se mencionar *O caminho da felicidade*, *Artigos de ciência política* e *Livro da política*, por meio desses escritos é possível fundamentar o tema proposto.

**Palavras-chave:** Al-Fārābī. Virtudes. Felicidade. Filosofia Árabe.

**Résumé:** Le présent travail vient des études développées sur Abu Nasr Al-Fārābī (870-875 – 950) et vise faire des recherches sur comment ce philosophe comprend les vertus et quel rôle ils jouent dans le processus de réalisation du bonheur. Le penseur arabe, manifestant l'influence aristotélicienne, déclare que la fin ultime de l'être humain et le bien absolu est le bonheur. En plus, l'argumentation farabienne montre que ce bien supérieur ne peut être obtenu quand c'est connu ce qu'il est et quelles actions doivent être faites afin de l'atteindre, cela implique connaissances théoriques et pratiques, car est nécessaire savoir quels actes conduisent au bonheur et une fois les connaître doit être réalisés. Pour le développement de cet article a été réalisée un travail bibliographique, dans lequel certaines oeuvres d'Al-Fārābī sont utilisées, parmi lesquels on peut citer *Le chemin du bonheur*, *Articles de science politique* et *Livre de la politique*, au moyen de ces écrits est possible justifier le thème proposé.

**Mots-clés:** Al-Fārābī. Vertus. Bonheur. Philosophie Arabe.

---

<sup>1</sup> Mestra em Filosofia. Membro pesquisador do Grupo de Estudos em Filosofia Medieval da Universidade Federal do Ceará (GEFIM-UFC). E-mail: [ginnybraga@gmail.com](mailto:ginnybraga@gmail.com).

## Introdução

Por meio de uma reflexão sobre o aristotelismo, platonismo e neoplatonismo, a filosofia árabe se desenvolveu tendo como característica a elaboração de um sistema que vincula ética à política. Assim, ambas as dimensões humanas (individual e social) são consideradas inseparáveis na sociedade. Há, especialmente, um destaque para influência das obras éticas aristotélicas<sup>2</sup>, sobretudo a *Ética a Nicômaco*, sendo a que mais os inspirou. Isto, pois “Na medida em que procuraram harmonizar os ensinamentos do Corão e da Tradição (*Hadit*) com a filosofia, encontraram na ética aristotélica as indicações apropriadas para realizar o modelo de vida ideal da sociedade humana” (PEREIRA, 2018. p. 23). Há também que se citar que muitas das teorias filosóficas no mundo árabe derivam dos comentários de autores neoplatônicos acerca das obras éticas de Platão e Aristóteles, dentre estas pode-se mencionar um comentário, constituído por 12 livros, à *Ética a Nicômaco* e que, possivelmente, é de Porfírio de Tiro (Cf. FAKHRY, 1991. p. 78; PEREIRA, 2010. p. 120). Mencionar este comentário serve para reforçar a afirmativa de que a referida obra do estagirita era conhecida, lida e comentada no ambiente árabe.

Dentre os filósofos árabes, Al-Fārābī (870-875–950)<sup>3</sup> foi o primeiro a comentar a *Ética a Nicômaco*. Apesar deste comentário não ter sobrevivido, há confirmações de sua escrita devido os comentários de Avempace (1095-1138), Averróis (1126-1198) e Maimônides (1135-1204), além de ser mencionado nas listas das obras farabiana (Cf. RAMÓN GUERRERO, 2002, p. 22-23). Al-Fārābī, tendo se apropriado de elementos da filosofia aristotélica, se debruçou sobre as questões éticas, principalmente no que respeita ao alcance da felicidade, demonstrando que sua obtenção se dá pelo cultivo das virtudes. Sob sua perspectiva, a felicidade passa a ser um problema da comunidade e não apenas uma preocupação individual. Assim, em suas obras políticas, se detém sobre o meio pelo qual o alcance da felicidade é possível, sobretudo, na vida política. A resposta dessa investigação

---

<sup>2</sup> Sobre isto pode ser dito: “Es lo que parece deducirse de la información proporcionada por varios biobibliógrafos y algunos filósofos, quienes además de citar la *Ética a Nicómaco* hablan de otros libros de ética, como la *Ética a Eudemo*, los dos *Libros grandes de Ética* y la *Pequenã Nicomáquea*”. (RAMÓN GUERRERO, Rafael. In. AL-FĀRĀBĪ, Abū Nasr. *El camino de la felicidad*. Traducción, introducción y notas de Rafael Ramón Guerrero. Madrid: Trotta, 2002. Nota 27. p. 17).

<sup>3</sup> Abū Nasr Al-Fārābī nasceu em 870-875 d.C na cidade de Fārāb na Transoxiana, região atualmente conhecida como Uzbequistão, e faleceu em Damasco no ano de 950 d.C. Ele é considerado um dos principais representantes da *Falsafa* (filosofia árabe), pois estruturou as bases que a mantêm. Al-Fārābī estudou medicina, ciências matemáticas e gramáticas árabe, além de lógica e música. Em sua época, Al-Fārābī foi o mais renomado comentador de Aristóteles, de modo que, por sua contribuição, o pensamento peripatético foi expandido no mundo árabe; vale dizer que também se destacou por ser o primeiro a tratar de filosofia política no mundo árabe.

acerca do alcance da felicidade pela via da ética que é tida por Al-Fārābī, assim como considerou Aristóteles<sup>4</sup>, como parte da política<sup>5</sup>.

Diante disto, o presente trabalho propõe a analisar, no campo da ética, quais ações devem ser feitas a fim de proporcionar o alcance da felicidade. Além disto, será necessária uma definição do que é a felicidade para esse pensador, pois uma vez definida será possível compreender o que deve ser feito para conquistá-la. Para tanto, foi realizado um trabalho bibliográfico cujas principais obras foram: *Livro da política* (*Kitāb al-siyāsa al-madanīyya*); *Livro da religião* (*Kitāb al-milla*); *Artigos de ciência política* (*Fusūl al-madanī*); *Catálogo das ciências* (*Ihsā' al-'ulūm*); *O caminho da felicidade* (*Kitāb al-tanbīh 'alāsabīl al-sa'āda*). Em posse dessas obras, é possível fundamentar o assunto proposto para investigação.

### A felicidade como fim

Segundo Al-Fārābī, o princípio que serve como guia para uma reflexão sobre a felicidade é uma ideia desenvolvida por Aristóteles, a saber: o bem é aquilo para o qual todas as coisas tendem<sup>6</sup>. Dentre os bens, “A felicidade é o bem absoluto”<sup>7</sup> (AL-FĀRĀBĪ, 1992, p. 48), isto, pois ela “[...] é o mais perfeito dos fins aos quais se esforça o homem”<sup>8</sup> (AL-FĀRĀBĪ, 2002, p. 44). Tal argumentação se demonstra pelo fato de que os bens que o ser humano prefere são escolhidos em virtude de outros fins. Quando se adquire a felicidade não há necessidade de se dirigir a outro fim, resulta que a felicidade é desejada por si mesma, de modo a ser o maior, o mais preferível e o mais perfeito dos bens. Pode-se assim dizer, nas palavras de Al-Fārābī, que a felicidade é:

---

<sup>4</sup> Acerca disto pode ser dito: “Para o Estagirita, a ética, tratando da ação e do bem no âmbito do indivíduo, é apenas uma ciência prática acessória e subordinada à política, a ciência prática maior; na medida em que o ser humano é um animal político, isto é, tem sua essência e se atualiza (realiza-se em ato [ενεργεια]) exclusiva e necessariamente na vida em sociedade no Estado [πολις], o bem mais excelente, o nobre e o justo acabam por ser objetos da política e não da ética”. (BINI, Edson. In. ARISTÓTELES *Ética a Nicômaco*. Tradução, textos adicionais e notas Edson Bini. 3º Ed. Bauru-SP: Edipro, 2009. Nota 1. p. 38). Ademais, Aristóteles afirma: “[...] mas, se o estudo da virtude se enquadra no domínio da política, fica claro que na investigação de virtude nos ateremos ao plano que adotamos no início”. “ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. I, 13, 1102a 13-14).

<sup>5</sup> É notável o fato de que Al-Fārābī se apropria da ideia aristotélica de que a ética é parte da política. O pensador árabe concebe a filosofia política como constituída de duas partes, uma que é a ciência política e a outra que é a ética. (Cf. AL-FĀRĀBĪ, Abū Nasr. *El camino de la felicidad*. Traducción, introducción y notas de Rafael Ramón Guerrero. Madrid: Trotta, 2002. p. 68).

<sup>6</sup> Aristóteles considera que “[...] toda arte, toda investigação e igualmente todo empreendimento e projeto previamente deliberado colimam algum bem, pelo que se tem dito, com razão, ser o bem a finalidade de todas as coisas” (ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. I, 1094a 1-3).

<sup>7</sup> “La felicidad es el bien absoluto”.

<sup>8</sup> “[...] es el más perfecto de todos los fines hacia los que se esfuerza el hombre”.

[...] aquela que é buscada por si mesma e nunca é buscada para obter por meio dela outra coisa, enquanto as outras coisas só são buscadas para que ela seja obtida, e, quando é alcançada, a busca cessa. [...] Exemplos do que se supõe ser a felicidade sem ser, são as riquezas, os prazeres, a honra, a vaidade do homem ou de outras coisas entre aquelas que o vulgo chama de bens, que são buscados e adquiridos nesta vida<sup>9</sup>. (AL-FĀRĀBĪ, 1992, p. 95).

A felicidade alcançada neste mundo<sup>10</sup> é obtida por uma dupla vertente: individual e social. Assim, o caminho que o ser humano trilha até a felicidade inicia com a realização de suas potencialidades individuais, a saber: os indivíduos possuem os primeiros inteligíveis, que são a sua perfeição primeira e por meio deles podem chegar à sua perfeição última (felicidade)<sup>11</sup>. Das disposições que possui, seguem-se elogios, reprovações ou nem elogios e reprovações. Mas as ações humanas que permitem chegar à felicidade são as passíveis de elogio ou reprovação. Nesta categoria, encontram-se três tipos de atividades: aquelas em que

---

<sup>9</sup> “[...] aquella que es buscada por sí misma y no es buscada nunca para obtener por medio de ella otra cosa, mientras que las otras cosas sólo son buscadas para que ellaseaobtenida, y, cuando es alcanzada, cesa la búsqueda. [...] Ejemplos de la que se supone que es felicidad sin serlo, son las riquezas, los placeres, el honor, la vanagloria del hombre u otras cosas de entre aquellas que el vulgo llamabienes, que son buscadas y adquiridas en esta vida”.

<sup>10</sup> Na filosofia farabiana, um problema para o qual existem muitas especulações é acerca da felicidade após a morte. Em alguns dos seus escritos é possível admitir uma felicidade para além desta vida, como quando afirma “Esta felicidade no se da en esta vida, sino en la otra vida que viene después de ésta, y se llama la felicidad última” (AL-FĀRĀBĪ, Abū Naṣr. *Libro de la religión*. In. *Al-Fārābī: Obras filosófico-políticas*. Traducción, introducción y notas de Rafael Ramón Guerrero. [S. l: s. n], 1992. p. 95). Contudo, há momentos em que o filósofo coloca a felicidade como uma perfeição intelectual que é obtida nesta vida, a saber: “[...]el intelecto que está en potencia se realiza como intelecto en acto. Ninguna otra cosa, excepto el hombre, puede ser así; ésta es la felicidad última, que es la perfección más excelente que puede alcanzar el hombre” (AL-FĀRĀBĪ, Abū Naṣr. *Libro de la política*. In. *Al-Fārābī: Obras filosófico-políticas*. Traducción, introducción y notas de Rafael Ramón Guerrero. [S. l: s. n], 1992. p. 30). Ibn Ṭufayl, afirma que “Encuanto a los libros de Abū Naṣr [al-Fārābī] que han llegado hasta nosotros, la mayoría versan sobre lógica; y los que de ellos tratan de la filosofía, contienen muchas cosas dudosas. En su libro al-Milla al-fāḍila afirma la pervivencia sin fin de las almas perversas después de la muerte con tormentos infinitos. En al-Siyāsa al-madaniya manifiesta que ellas se disuelven y se reducen a nada y que no sobreviven sino las almas virtuosas y perfectas. En su comentario al Kitāb al-ajlāq describe algo referente al asunto de la felicidad humana; diciendo que sólo la hay en esta vida que está en este mundo; y a continuación hay una frase cuyo sentido es éste: <<y todo lo que se diga fuera de esto son divagaciones y cuentos de viejas>>, Esta [afirmación] hace desesperar a todas las gentes a la vez de la misericordia de Dios Altísimo, pues lleva a buenos y malos al mismo grado, puesto que establece como destino de todos la nada” (Ibn Ṭufayl *apud* RAMÓN GUERRERO, Rafael. *La recepción árabe del De Anima de Aristóteles: Al-Kindi y Al-Fārābī*. Madrid: Consejo Superior de investigaciones científicas, 1992. p. 168). Para os fins deste trabalho utiliza-se a consideração da felicidade como atividade intelectual, obtida na comunidade e com a ajuda do governante ideal.

<sup>11</sup> Acerca disto o pensador árabe argumenta: “La perfección primera consiste en que el hombre realice las acciones de todas las virtudes, no en que este solamente dotado de una virtud sin realizar sus acciones; la perfección consiste en actuar, no en adquirir los hábitos por los que se dan los actos, tal como la perfección del escribiente es realizar el acto de escribir y no es adquirir la escritura, y tal como la perfección del médico es realizar el acto de la medicina y no es adquirir la medicina solamente; lo mismo ocurre en cada arte. Por medio de esta perfección obtendremos la perfección última. Ésta es la felicidad suprema y el bien absoluto; es lo preferible y apetecible por sí mismo, no por ninguna otra cosa en ningún momento”. (AL-FĀRĀBĪ, Abū Naṣr. *Artículos de la ciencia política*. In. *Al-Fārābī: Obras filosófico-políticas*. Traducción, introducción y notas de Rafael Ramón Guerrero. [S. l: s. n], 1992. p. 129).

o indivíduo precisa usar os membros do seu corpo como instrumento, as afecções da alma e o discernimento. A reprovação ocorre quando as ações, as afecções e o discernimento são feios e o elogio quando são belos. As ações belas, as belas afecções da alma e a excelência do discernimento podem estar no ser humano por azar ou impulso. Contudo, a felicidade não se obtém por azar ou impulso, apenas é alcançada quando as ações, afecções e o discernimento são realizados voluntariamente e por livre eleição. Portanto, o ser humano não adquirirá a felicidade a não ser que escolha o belo em tudo o que faz e durante toda sua vida. Pode-se assim afirmar:

Estas coisas que acabam de ser ditas são as condições pelas quais, quando ocorrem nas belas ações, se adquire a felicidade sem qualquer dúvida: que sejam feitas voluntariamente e por livre escolha, que as escolhamos livremente por razão de si mesmas e que isto aconteça em tudo o que fazemos e ao longo de nossas vidas<sup>12</sup>.(AL-FĀRĀBĪ, 2002, p. 47).

Sendo assim, as ações, afecções e o discernimento só podem proporcionar a felicidade quando realizados de modo belo e consciente. No entanto, quando o indivíduo voluntariamente opta pelas ações e afecções feias, as escolhendo durante toda sua vida, assim como quando tem um mal discernimento em tudo que compete ao discernimento humano e em todos os momentos de sua vida, a desgraça o aflige. O ser humano foi criado com igual disposição para as ações, as afecções e o discernimento belo ou feio. Apenas após praticar as ações que seguem ao elogio ou à reprovação é que se fixará nele ações belas ou ações feias. Este novo estágio, no qual se fixam as ações, se divide em duas partes: uma pela qual o discernimento é bom ou mal e a outra pela qual as ações e afecções são belas ou feias. A classe pela qual o discernimento é bom ou mal se subdivide em uma por meio da qual ocorre a excelência do discernimento (denominada potência da mente) e a outra pela qual ocorre o mal discernimento (denominada debilidade da mente). As ações e afecções se denominam hábitos morais, quando as ações e afecções são belas recebem o nome de hábito moral belo, contudo quando são feias denominam-se hábito moral feio. Nesta perspectiva, Al-Fārābī afirma:

O hábito moral belo e a potência da mente constituem conjuntamente a virtude humana, porque a virtude de cada coisa é o que a faz adquirir a excelência e perfeição em si mesma e faz com que adquira excelência em suas ações. Estas duas coisas conjuntamente são aquelas que, quando as temos, alcançamos a excelência e a perfeição em nós mesmos e em nossas ações. Por elas duas nos tornamos nobres, bons e virtuosos, e por elas, nossa conduta durante a nossa vida é uma conduta virtuosa e todos os nossos

---

<sup>12</sup> “Estas cosas que se acaban de decirson las condiciones por las que, cuando se danen las belas acciones, se adquiere la felicidade sindudaalguna: que se hagan voluntariamente y por libre elección, que la se lijamoslibremente por razón de símismas y que esto se déen todo lo que hacemos y durante toda nuestra vida”.

comportamentos são comportamentos louváveis<sup>13</sup>. (AL-FĀRĀBĪ, 2002, p. 50,).

Diante disso, o pensador árabe compreende que os indivíduos devem conhecer e estabelecer a felicidade como seu fim e objetivo (Cf. AL-FĀRĀBĪ, 1992 p. 52), bem como realizar as ações que conduzem a ela (nisto se observa a importância do saber prático e do saber teórico). Trata-se de “[...] uma felicidade que só o homem, na atualização de suas potencialidades individuais, poderá alcançar através do cultivo das virtudes morais e intelectuais, mas que só podem ser desenvolvidas dentro de uma sociedade”<sup>14</sup>(RAMÓN GUERRERO, 2002, p. 28). Sendo o alcance da felicidade o fim da vida humana e sua perfeição última, e compreendendo que os atos virtuosos são fundamentais para sua obtenção, segue-se a uma análise das virtudes

### As Virtudes

Uma vez que a felicidade é o fim da vida humana, quem deseja conquistá-la deverá seguir um caminho que consiste na realização das atividades segundo as quais, quando realizadas nas cidades pelos cidadãos, é possível alcançá-la. Diante disto, questiona-se: qual ciência se ocupa do estudo da felicidade e do modo como obtê-la? Trata-se da filosofia, pois se ocupa do estudo do belo e uma vez que só se alcança a felicidade quando se tem a posse das coisas belas, se conclui que é pela filosofia que se chega à felicidade. Uma vez que o belo possui duas partes (uma que é apenas conhecimento e outra que é conhecimento e ação), a filosofia também tem uma divisão, a saber: uma pela qual se alcança o conhecimento dos seres que não são objeto da ação humana, sendo denominada filosofia teórica e outra pela qual se adquire o conhecimento das coisas cuja natureza consiste em serem feitas, entre as quais a capacidade de fazer o belo, é, portanto, chamada filosofia prática e filosofia política. A filosofia teórica compreende três classes de ciência: ciência matemática, ciência física e ciência metafísica<sup>15</sup>. Todas estas ciências compreendem a classe de seres que podem ser conhecidos. No que respeita à filosofia política, há nela uma divisão em duas classes, a

---

<sup>13</sup>“*El hábito moral bello y la potencia de la mente constituyen conjuntamente la virtud humana, porque la virtud de cada cosa es la que le hace adquirir la excelencia y la perfección ensimisma y hace adquirir excelencia a sus acciones. Estas dos cosas conjuntamente son aquellas que, cuando las tenemos, alcanzamos la excelencia y la perfección en nosotros mismos y en nuestras acciones. Por ellas dos llegamos a ser nobles, buenos y virtuosos, y por ellas dos nuestra conducta durante nuestra vida es una conducta virtuosa y todos nuestros comportamientos son comportamientos loables*”.

<sup>14</sup>“*[...] una felicidad que sólo el hombre, en la actualización de sus potencialidades individuales, podrá alcanzar a través del cultivo de las virtudes morales e intelectuales, pero que sólo puede cumplirse dentro de una sociedad*”.

<sup>15</sup> Esta divisão se encontra em Aristóteles, a saber “[...] são três os ramos da filosofia teórica: a matemática, a física e a teologia” (ARISTÓTELES. *Metafísica*. VI, 1026a 19).

primeira é a ética (por ela se adquire o conhecimento das ações belas, os hábitos morais dos quais provém as ações belas e a capacidade de adquiri-las, a fim de que as ações belas se convertam em ato). A segunda é a filosofia política e ciência política, esta abarca o conhecimento daquilo pelo qual os habitantes das cidades alcançam as coisas belas e a capacidade de adquiri-las e conservá-las neles (Cf. AL-FĀRĀBĪ, 2002, p. 67-68).

Para os fins deste trabalho, se seguirá a uma análise da parte prática (filosofia política), investigando uma de suas divisões, a saber: a ética. Isto, pois a ética se constitui em algo necessário para obtenção da felicidade, uma vez que compreende as ações que proporcionam a felicidade (virtudes). Estas ações são de quatro classes: virtudes teóricas, virtudes deliberativas, virtudes morais e artes práticas<sup>16</sup>. Al-Fārābī também as distribui em duas categorias: intelectuais (virtudes teóricas e virtudes deliberativas) e éticas ou morais (virtudes morais e artes práticas)<sup>17</sup>. As virtudes teóricas e as virtudes deliberativas são as virtudes intelectuais que dizem respeito a parte teórica e a parte prática da alma humana (Cf. RAMÓN GUERRERO, 2002, p. 36-37), sendo identificadas com a filosofia prática e teórica. Enquanto virtudes intelectuais são relativas à parte racional, as virtudes morais são relacionadas à parte apetitiva, sendo originadas pelo hábito e o costume<sup>18</sup>. É necessário, pois, seguir a uma investigação mais detalhada destas virtudes e compreender como atuam no processo de obtenção da felicidade.

### **Virtudes Intelectuais**

Tratar das virtudes intelectuais é traçar um caminho que parte de uma análise do pensamento e da compreensão. O que pode ser conhecido pelo ser humano é de duas classes: uma cuja natureza é ser apenas conhecido e outra que consiste em ser conhecido e ser objeto

---

<sup>16</sup> Averróis segue essa divisão, considerando que “[...] as perfeições são quatro: virtudes especulativas, artes operativas, virtudes cognitivas e virtudes morais” (AVERRÓIS. *Comentário sobre a República*, II, § IX, § 3). Ademais, admite-se que “Todas essas perfeições (i.e., virtudes), a saber, as teóricas, as cogitativas, as morais e as artes práticas, existem para benefício das perfeições teóricas (ou especulativas) e constituem uma preparação para elas [...]” (PEREIRA, Rosalie Helena de Souza. *Felicidade, fim último (télós) e perfeições humanas no Comentário sobre a República de Averróis*. HYPNOS, São Paulo, v.32, n. 1, p. 66-88. 2014. p. 77).

<sup>17</sup> O filósofo árabe argumenta que “Las virtudes son de dos clases: éticas y racionales. Las racionales son las virtudes de la parte racional, como la sabiduría, el intelecto, el talento, la agudeza mental y la excelencia en comprender. Las éticas son las virtudes de la parte apetitiva, como la templanza, la fortaleza, la largueza y la justicia. También los vicios se dividen según estas dos clases; en el ámbito de cada clase se contraponen a estas [virtudes] que hemos enumerado y a sus fines”. (AL-FĀRĀBĪ, Abū Naṣr. *Artículos de la ciencia política*. In. *Al-Fārābī: Obras filosófico-políticas*. Traducción, introducción y notas de Rafael Ramón Guerrero. [S. l.: s. n], 1992. p. 118).

<sup>18</sup> Encontra-se a mesma divisão e definição em Aristóteles, ao afirmar que “Sendo a virtude, como vimos, de dois tipos, nomeadamente, intelectual e moral, a intelectual é majoritariamente tanto produzida quanto ampliada pela instrução, exigindo, conseqüentemente, experiência e tempo, ao passo que a virtude moral ou ética é o produto do hábito [...]”. (ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. II, 1103a 15-20).

da ação. A perfeição do que consiste em ser apenas conhecido está em ser conhecido, enquanto a perfeição do que consiste em ser conhecido e objeto da ação está em que seja realizado. Pode-se, assim, admitir a existência de uma parte teórica e uma prática, ambas possuem artes pelas quais é possível alcançá-las. Deste modo, as artes serão de duas classes, a saber: uma por meio da qual se adquire o conhecimento daquilo que se deve apenas saber, a outra é aquela pela qual se obtém o conhecimento do que deve ser feito e a capacidade de fazê-lo. Esta última é, também, de duas classes: uma pela qual o ser humano trabalha livremente nas cidades (medicina, comércio, agricultura); pela outra classe considera quais os melhores modos de conduta humana (por ela se tende à ciência das coisas boas, as ações justas e piedosas são escolhidas e se adquire a capacidade de fazê-las). Estas artes possuem um fim humano e o fim de todas as artes é o belo e o útil, pode-se, então, afirmar:

Os fins humanos são três: o agradável, o útil e o belo. O útil é útil no agradável ou no belo. O fim das artes pelas quais o homem trabalha livremente nas cidades é útil. O fim daquelas pelas quais ele escolhe os modos de comportamento e pelas quais adquire a capacidade de fazer o que elege é o belo. O fim daquelas artes pelas quais alcançamos o que apenas consiste em ser conhecido é também o belo, pelo fato de que sua aquisição da ciência e da certeza é para a verdade, porque o conhecimento da verdade e a certeza é indubitavelmente belo. Resulta, portanto, que o fim de todas as artes é o belo ou o útil<sup>19</sup>.(AL-FĀRĀBĪ, 2002, p. 67).

A arte que tem a finalidade de alcançar o belo, e, conseqüentemente, a felicidade, é a filosofia, ou como também é denominada: sabedoria humana em sentido absoluto. Portanto, é preciso analisar como se chega à filosofia, a saber: ela é obtida pela excelência do discernimento. Contudo, como se adquire o desenvolvimento do entendimento em vias de excelência? Esta capacidade é a alcançada quando se instrui a mente na percepção do correto e isto é possível pela arte da lógica. Assim, a lógica é o primeiro passo no caminho que conduz o ser humano à felicidade. A respeito da lógica Al-Fārābī afirma:

[...] aquilo pelo qual se chega a saber qual é a verdadeira opinião e qual é a opinião falsa; as coisas pelas quais o homem chega à verdade e aquelas pelas quais a mente do homem se afasta da verdade; aquelas pelas quais o homem acredita que a verdade é falsa e aquelas que o fazem imaginar o falso na forma da verdade e induzem a mente do homem ao falso sem perceber; por esta arte chega a conhecer o caminho pelo qual o homem afasta o falso de

---

<sup>19</sup>“*Los fines humanos sontres: loagredable, lo útil y lobello. Lo útil es útil enloplacentero o enlobello. El fin de las artes por las que elhombre obra librementeen las ciudades es lo útil. El fin de aquellas por las que elige los modos de conducta y por las que adquiere la capacidad de hacerlo que elige es lobello. El fin de aquellas artes por las que alcanzamoslo que solamente consiste em ser conocido es tambienlobello, por ellecho de que suadquisición de la ciência y la certeza es por la verdad, pueselconocimiento de la verdad y la certeza es indudablementebello. Resulta, enconsecuencia, que elfin de todas las artes es lobello o lo útil”.*



sua mente, quando resulta que o crê sem saber, e aquele pelo qual aparta o falso dos outros se são levados a ele sem saber, de modo que se o homem se propõe alguma questão que quer conhecer, utiliza aquelas coisas que o levam ao correto com relação a essa questão e evita aquelas outras que o separam do correto nesse assunto. Quando tem lugar uma opinião sobre algo e surge sobre ela a dúvida sobre se é correta ou não, é possível examiná-la até que ela atinja a certeza de que está correta ou não; e quando às vezes acontece que cai no falso sem saber, lhe é possível, se examinar bem, afastar a falsidade de sua mente<sup>20</sup>.(AL-FĀRĀBĪ, 2002, p. 67).

Com isso, a arte da lógica proporciona o bem e a felicidade. Por meio dela a parte racional da alma se aperfeiçoa, chegando ao melhor estado que pode alcançar. Por esta razão, a lógica é compreendida como o lugar da razão. Ademais, afirma-se:

A arte da lógica é um instrumento por meio do qual, quando empregado nas partes da filosofia, se alcança o conhecimento certo de tudo o que contém as artes teóricas e práticas, não existindo meio algum de obter a certeza naquilo que se busca sem a arte da lógica. Seu nome vem de termo "logos" (nutq), que de acordo com os antigos indica três coisas: 1) a faculdade pela qual o homem entende ideias, as ciências e as artes são adquiridas, e se discernem as boas e as más ações; 2) as ideias que são produzidas pela reflexão do homem em si mesmo, chamando-se, então, "logos" interno; 3) a expressão através da linguagem daquilo que está no pensamento, chamando-se, então, "logos" externo.<sup>21</sup>(AL-FĀRĀBĪ *apud* RAMÓN GUERRERO, 1992, p. XXIII, tradução nossa).

Uma vez que os nomes razão e lógica aplicam-se à expressão através da linguagem, há de se considerar a semelhança existente entre gramática e lógica. A gramática é a ciência do reto falar e a capacidade de falar corretamente segundo o costume de cada povo, enquanto a lógica é a ciência do reto pensar e a capacidade de alcançar corretamente aquilo que é inteligido. Ademais, pode-se afirmar: “A lógica tem em comum com a gramática o dar, como

---

<sup>20</sup>“[...] aquel por el que se llega a conocer cuál es la opinión verdadera y cuál es la opinión falsa; las cosas por las que el hombre llega a la verdad y aquellas por las que la mente del hombre se aparta de la verdad; aquellas por las que el hombre cree que la verdad es falsa y aquellas que le hacen imaginar lo falso bajo forma de verdad e inducen a la mente del hombre a lo falso sin que se dé cuenta de ello; por ese arte se llega a conocer el camino por el que el hombre aparta lo falso de su mente, cuando resulta que lo cree así sin saberlo, y aquel por el que aparta lo falso de los otros si son llevados a ellos sin saberlo, de tal manera que si el hombre se propone alguna cuestión que quiere conocer, utiliza aquellas cosas que le conducen a lo correcto respecto de esa cuestión y evita aquellas otras que le apartan de lo correcto en esa cuestión. Cuando tiene lugar una opinión sobre algo y surge sobre ello la duda de si es correcta o no es correcta, es posible examinarla hasta llegar en ella a la certeza de que es correcta o no; y cuando a veces le sucede que cae en lo falso sin saberlo, le es posible, si lo examina bien, alejar la falsedad de su mente”.

<sup>21</sup>“El arte de la lógica es un instrumento por medio del cual, cuando es empleado en las partes de la filosofía, se alcanza el conocimiento cierto de todo lo que contienen las artes teóricas y prácticas, no existiendo medio alguno de obtener la certeza en aquello que se busca sin el arte de la lógica. Su nombre procede del término "logos" (nutq), que según los antiguos indica tres cosas: 1) la facultad por la que el hombre entiende las ideas, se adquieren las ciencias y las artes, y se discernen las buenas de las malas acciones; 2) las ideas que son producidas por la reflexión del hombre en sí mismo, llamándose entonces "logos" interno; 3) la expresión por medio del lenguaje de aquello que está en el pensamiento, llamándose entonces "logos" externo”.

esta, regras sobre o uso de palavras; e difere dela em que a gramática dá apenas as regras próprias e privadas das palavras de um determinado povo, enquanto a lógica dá as regras comuns e gerais para as palavras de todos os povos”<sup>22</sup>(AL-FĀRĀBĪ, 1953, p. 13). Deste modo, a gramática “[...]que é uma ciência particular, típica de cada povo, comparada ao caráter de arte universal que a lógica possui, não é um instrumento ideal para a busca da verdade”<sup>23</sup>(RAMÓN GUERRERO, 1992. p. XVI, tradução nossa). Nisto se distinguem, pois, a gramática enquanto se ocupa da linguagem (variada em cada povo) possui um caráter particular; por outro lado, a lógica possui as regras de caráter universal que podem reger todo pensamento humano<sup>24</sup>. Por isto, dada sua universalidade, a lógica é a ciência adequada para se ocupar da razão. Em linhas gerais: a relação da arte da gramática com as palavras é como a relação da arte da lógica com os inteligíveis(Cf. AL-FĀRĀBĪ, 2002, p. 72).

Com isso, o primeiro passo no caminho em direção à felicidade é a aquisição da arte da lógica. Todavia, só é possível começar em cada arte quando o estudioso dispõe de meios para investigar o que a arte contém. Para investigar o que há em cada arte o ser humano precisa ter os primeiros conhecimentos. Estes são denominadas de primeiros princípios, ou conhecimentos notórios e são definidos como: “[...] aquelas coisas cujo conhecimento pertence ao homem, alguns são aqueles cujo conhecimento ninguém carece, desde que ele seja de mente sã, tal como o todo é maior e mais do que a sua parte ou que o homem não é um cavalo e outros semelhantes”<sup>25</sup>(AL-FĀRĀBĪ, 2002, p. 72). Deste modo, os princípios pelos quais se deve iniciar na lógica são coisas cujo conhecimento é anterior no indivíduo e do qual não careça. Os conhecimentos primários estão na mente humana desde o começo de sua existência, estão nela de maneira inata. Por vezes, há coisas na mente que o indivíduo não se dá conta até que sejam nomeadas, assim como não percebe muitas coisas necessárias para começar a arte da lógica, contudo estes primeiros conhecimentos estão na sua mente. Com

---

<sup>22</sup>“La lógica tiene de común con la gramática el dar, como ésta, reglas acerca del uso de las palabras; y se distingue de ella en que la gramática da tan sólo las reglas propias y privadas de las palabras de un pueblo determinado, mientras que la lógica da las reglas comunes y generales para las palabras de todos los pueblos”.

<sup>23</sup>“[...]que es una ciencia particular, propia de cada pueblo, frente al carácter de arte universal que tiene la lógica, no es instrumento idóneo para la búsqueda de la verdad”.

<sup>24</sup>Sobre isto afirma-se:“Esta relación entre lógica y lenguaje está fundada en los textos de Aristóteles y en la misma tradición aristotélica, que sistematizó lógicamente las categorías del lenguaje usual. Esta tradición que él recibió se vio reforzada en el mundo árabe por el carácter de la revelación divina: Dios habla una lengua, el árabe. Y esto confirmo pues ya lo estaban la necesidad de incluir Retórica y Poética como partes del Organon, porque ambas artes silogísticas, como las denomina al-Fārābī, proporcionan los discursos adecuados para las necesidades de expresión de la revelación, el discurso retórico y el poético”.(RAMÓN GUERRERO, Rafael. In. *Al-Fārābī: Obras filosófico-políticas*. Traducción, introducción y notas de Rafael Ramón Guerrero. [S. l.: s. n], 1992. p. XXIII)

<sup>25</sup>“[...] aquellas cosas cuyo conocimiento compete al hombre, unas son aquellas de cuyo conocimiento nadie carece, siempre que sea de mente sana, tales como que el todo es mayor y más que su parte o que el hombre no es caballo y otras semejantes”.

isto, a gramática é importante para tratar das palavras significantes e que informam os primeiros princípios da arte da lógica.

Nessa perspectiva, a gramática contribui para que a lógica atue como ferramenta de aperfeiçoamento da razão. Apenas quando o indivíduo dispõe de um excelente discernimento será possível distinguir entre o que é correto e o que é errado e quais destas ações o conduzirão à felicidade. Assim as virtudes morais, que se fixam na alma pela livre escolha de hábitos morais belos, serão resultado do que é orientado pela razão<sup>26</sup>. Poder-se-ia pensar que uma vez na posse das virtudes intelectuais não seriam necessárias as virtudes morais. Todavia, ambas são fundamentais para a aquisição da felicidade, de modo que as virtudes morais são um complemento das intelectuais. Cabe, então, analisar essa segunda categoria de virtudes.

### **Virtudes Morais**

De acordo com Al-Fārābī, as virtudes morais estão relacionadas com a parte apetitiva da alma; são originadas e se fixam na alma por meio do hábito e do costume<sup>27</sup>. Sendo assim, são virtudes adquiridas e não inatas, logo “Todos os hábitos morais, belos e feios, são adquiridos; quando o homem não tem nenhum hábito moral, pode adquiri-lo para si mesmo, e quando descobre que tem um hábito moral, belo ou feio, pode voluntariamente mudá-lo ao contrário desse hábito moral”<sup>28</sup>(AL-FĀRĀBĪ, 2002, p. 51). Portanto, não existe hábito que não possa ser modificado(Cf. AL-FĀRĀBĪ, 1969, p. 24). Sendo assim, as virtudes e vícios surgem e se prendem no indivíduo pela repetição do hábito moral, de modo que “Se estes atos são bons, o que aparece em nós é a virtude; se são ruins, o que resulta para nós é o vício”<sup>29</sup>(AL-FĀRĀBĪ, 1992, p. 117).Dito de outro modo: quando um indivíduo faz algo várias vezes, durante muito tempo e por um espaço de tempo próximo, nele se fixa um hábito moral que implica em uma virtude ou vício. Assim, o hábito, por meio do qual as virtudes morais se

---

<sup>26</sup> Averróis parte dessa consideração, a saber: “[...] as virtudes morais nada mais são senão essa nossa parte que apeetece o que é indicado pela razão, conforme a medida indicada pela razão e conforme o tempo” (AVERRÓIS. *Comentário sobre a República*, II, § XII, § 4).

<sup>27</sup> A ideia de que as virtudes morais podem ser adquiridas é algo mencionado por Platão ao afirmar “Agora, as outras virtudes, denominadas virtudes da alma, parecem realmente aproximar-se das do corpo, pois, na realidade, quando não as temos de início, podemos adquiri-las em seguida, através do hábito e do exercício” (PLATÃO. *República*. VII, 518e). Também é um assunto abordado por Aristóteles ao dizer que “[...] a virtude ética é produto do hábito [...]” (ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. II, 1103a 17).

<sup>28</sup> “*Todos los hábitos morales, los bellos y los feos, son adquiridos; cuando el hombre no tiene un hábito moral, puede adquirir lo para sí mismo y cuando por casualidad se encuentra que dispone de un hábito moral, bello o feo, puede cambiarlo voluntariamente por el contrario de ese hábito moral*”.

<sup>29</sup> “*Si estos actos son buenos, lo que aparece en nosotros es la virtud; si son malos, lo que resulta para nosotros es el vicio*”.

estabelecem, deve ser compreendido como a repetição, ou seja, o exercício da ação. Deste modo, a maneira pela qual se desenvolve um hábito moral é a mesma pela qual a arte é obtida (repetição), pois se consegue a excelência em uma arte através de sua repetição contínua. É também pelo costume que o hábito moral se desenvolve nos cidadãos, pois “[...] aqueles que governam apenas fazem os cidadãos bons pelas boas ações a que os acostumaram”<sup>30</sup>(AL-FĀRĀBĪ, 2002, p. 52).

No que concerne ao hábito moral belo (virtude moral) há de se dizer que é um dos elementos necessários para a conquista da felicidade e para o aperfeiçoamento humano(Cf. ISKANDAR, 2004, p. 162). O hábito moral belo, semelhante à saúde, é algo que deve ser adquirido quando não existe e conservado quando se tem. Este hábito moral é obtido por meio do equilíbrio das ações (termo médio), sobre isto Al-Fārābī afirma:“Os atos que são boas ações são os equilibrados e intermediários entre dois extremos, ambos ruins, um por excesso e outro por falta”<sup>31</sup>(AL-FĀRĀBĪ, 1992, p. 123, tradução nossa). Quando as ações se afastam do termo médio, por excesso ou falta, fazem desaparecer o hábito moral belo, fazendo surgir o hábito moral feio<sup>32</sup>. Há de se considerar, então, que da mesma maneira que o corpo possui saúde e doença, a alma pode ter saúde e enfermidade, de modo que:

A saúde da alma consiste em que suas disposições e as disposições de suas partes sejam tais que através delas realize sempre atos bons, nobres e belas ações. Sua doença consiste em que suas disposições e as disposições de suas partes sejam tais que por elas sempre execute atos maus, defeituosos e ignominiosos<sup>33</sup>. (AL-FĀRĀBĪ, 1992, p. 110).

A saúde e a enfermidade da alma se devem ao equilíbrio e ao desequilíbrio dos hábitos morais. Portanto, para ter e preservar a saúde da alma é preciso possuir o equilíbrio das ações, ou seja, é necessário aplicar a mediania. O termo médio em cada coisa ocorre quando sua abundância e escassez, sua intensidade e debilidade são segundo uma certa

---

<sup>30</sup> “[...] *los que gobiernan sólo hacen buenos a los ciudadanos por las buenas acciones a las que ellos los acostumbran*”.

<sup>31</sup> “*Los actos que son buenas acciones son los equilibrados e intermedios entre dos extremos malos a la vez los dos, uno por exceso y otro por defecto*”.

<sup>32</sup> Al-Fārābī considera que se afastar da mediania, aproximando-se do excesso ou da carência, destrói o hábito moral belo (uma vez que ele provém da própria mediania). Para esta demonstração utiliza o exemplo do corpo ao considerar que quando um alimento é mais ou menos do que convém ao corpo não é possível obter a saúde. Aristóteles é a base para esta argumentação ao afirmar que “[...] as qualidades morais são de tal modo constituídas que são destruídas pelo excesso e pela deficiência, como percebemos ser o caso do vigor e da saúde do corpo [...]” (ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. II, 1104a 12-15).

<sup>33</sup> “*La salud del alma consiste en que sus disposiciones y las disposiciones de sus partes sean tales que por medio de ellas realice siempre actos buenos y nobles y acciones hermosas. Su enfermedad consiste en que sus disposiciones y las disposiciones de sus partes sean tales que por ellas ejecute siempre actos malos y defectuosos y acciones ignominiosas*”.

medida, o alcance de cada coisa segundo certa medida apenas ocorre quando se mede com um critério, este são as circunstâncias que rodeiam as ações, ou seja:

[...] quando queremos saber a medida que constitui o termo médio para as ações, devemos conhecer previamente o tempo da ação, o lugar em que ela ocorre, de quem ela procede, a quem ela é dirigida, do que é ação, por meio do que é feito, por que e para que é feito, e devemos estabelecer a ação de acordo com a medida de cada uma dessas coisas; somente então teremos obtido a ação intermediária. Quando a ação é medida com essas coisas em sua totalidade, ela será intermediária; quando não é medida por todas elas, a ação será um excesso ou um defeito<sup>34</sup>. (AL-FĀRĀBĪ, 2002, p. 55).

Segundo Al-Fārābī, para se obter o termo médio é necessário considerar o hábito moral adquirido, se é por excesso ou falta, e gerar na alma um hábito que lhe seja contrário (se é por excesso deve-se habituar à falta, se é por falta, deve-se habituar ao excesso). É necessário persistir na ação contrária por um certo tempo e depois será preciso fazer uma análise para saber qual é o hábito moral resultante, este pode ser de três classes: hábito moral que vai do termo médio a outro contrário; termo médio; hábito moral mais próximo do termo médio. Se o que se possui é o que está próximo ao termo médio, sem ter excedido o termo médio até o outro contrário, será adequado persistir nas mesmas ações por um certo tempo até que se alcance o termo médio. Se já se excedeu o termo médio até chegar ao outro contrário, deve-se retornar para as ações do primeiro hábito moral e fazê-las por um tempo e, então, refletir sobre o estado em que se encontra (Cf. AL-FĀRĀBĪ, 2002, p. 59). Em linhas gerais, sempre que se está inclinado a um extremo é preciso executar as ações contrárias e isto será feito até que se chegue ou se aproxime do termo médio<sup>35</sup>. Mas, como é possível ter a certeza se um hábito moral atingiu o termo médio? Al-Fārābī responde dizendo que se as ações estão no termo médio há facilidade de realizar as ações que procedem do excesso, bem como são fáceis de executar as que provém do defeito<sup>36</sup>. Assim, se é possível fazer ambas, ou estão muito próximas de ser, se alcançou o termo médio<sup>37</sup>.

---

<sup>34</sup> “[...] cuando queramos conocerla medida que constituye el término medio para las acciones, debemos conocer previamente el tiempo de la acción, el lugar en el que ocurre, de quién procede, a quién se dirige, de qué es acción, por medio de qué se hace, por qué y para qué se hace, y debemos establecer la acción según la medida de cada una de estas cosas; sólo entonces habremos obtenido la acción intermedia. Cuando la acción sea medida con estas cosas en su totalidad, será intermedia; cuando no sea medida por todas ellas, la acción será un exceso o un defecto”.

<sup>35</sup> Al-Fārābī considera que é preciso inclinar nossas ações a um extremo e a outro a fim de obter a mediania. Esta ideia está presente em Aristóteles, ao afirmar que “Assim, o que se mostra claro é que é a disposição mediana em cada setor da conduta que é louvável, embora devamos por vezes nos inclinar para o excesso e, por vezes, para a deficiência, uma vez ser este o modo mais fácil de atingir a mediania e o rumo correto” (ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. II, 1109b 25-29).

<sup>36</sup> É interessante mencionar uma categoria humana que pode realizar atos virtuosos sem, com isso, ser virtuosa, trata-se do indivíduo que se contém. A seu respeito, Al-Fārābī afirma: “Entre el que es continente y el que es virtuoso hay diferencia. El continente, aunque realiza actos virtuosos, lleva a cabo buenas acciones, pero

Tendo compreendido como se alcança o termo médio, resta questionar como é possível transitar entre os hábitos morais, ou seja, qual a ferramenta que permite ir de um extremo a outro? Um dos meios para isto é a excelente deliberação, pois através dela se conhece o que deve ser feito e o que deve ser rejeitado. Todavia, nem sempre ela será suficiente. Existe, portanto, outro instrumento, a saber: prazer e o dano. Executar ações feias é algo fácil por conta do prazer que se obtém ao fazê-las, enquanto o belo é evitado por acreditar-se que dele provém o dano; isto, pois a maior parte dos indivíduos pensa que o prazer é o fim em toda ação, uma vez que só se busca isso em tudo o que se faz. Os prazeres podem pertencer ao sensível (dependem da audição, visão, tato, paladar, olfato), outros prazeres do conceito (que é percebido intelectualmente), como são a arte de governar, exercer poder, dominar, a ciência e outros semelhantes. Geralmente há uma tendência aos prazeres sensíveis, pois se acredita que são o fim da vida. Alguns destes prazeres são causa de algo necessário para o ser humano (alimentar-se) e para o mundo (a reprodução), por isto se pensa que são o fim da vida e constituem a felicidade. Contudo, por meio da reflexão é possível perceber que estes prazeres afastam da maioria dos bens e das coisas mais importantes, por meio das quais se obtém a verdadeira felicidade.

O prazer sensível é constituído por prazeres perceptíveis, isto é, imediatos. Há também outros prazeres que são ocultos, pois ocorrem no futuro. Deste modo, os prazeres ou danos que seguem às ações, quer sejam prazeres sensíveis ou do conceito, podem ser imediatos ou não. As ações belas e as que procedem um dano imediato são seguidas por um prazer futuro, enquanto as ações feias e as que seguem um prazer imediato são seguidas por um dano futuro. Quando o ser humano se vê inclinado a realizar uma ação feia pelo prazer

---

siente amor y deseo por las malas acciones, porfiando con su deseo y haciendo en su obrar lo contrario de aquello a lo que le impulsan su disposición y apetito; hace, sí, buenas acciones, pero sufre al hacerlas. El virtuosos, en cambio, sigue en sus actos aquello a lo que le impulsan su disposición y apetito; hace buenas acciones deseándolas y amándolas, y no sufre sino que experimenta placeren ellas” (AL-FĀRĀBĪ, Abū Naṣr. *Artículos de la ciencia política*. In. *Al-Fārābī: Obras filosófico-políticas*. Traducción, introducción y notas de Rafael Ramón Guerrero. [S. l: s. n], 1992. p. 121). Ademais, afirma-se que muitos dos hábitos morais feios podem ser controlados de modo que o indivíduo contido pode passar por virtuoso (Cf. FAKHRY, Majid. *Ethical Theories in Islam*. Leiden: E. J. Brill, 1991. p. 81).

<sup>37</sup> Al-Fārābī argumenta que uma vez que o termo médio está entre os extremos e sendo que algum destes podem, na perspectiva humana, se assemelhar ao termo médio, é necessário evitar cair no extremo que se assemelha ao termo médio, sendo assim, é preciso apartar-se dos extremos aos quais se sente mais inclinado, principalmente se são parecidos com o termo médio. Um exemplo é a temeridade (vício), que alguns podem confundir com a valentia (virtude) (Cf. AL-FĀRĀBĪ, Abū Naṣr. *El camino de la felicidad*. Traducción, introducción y notas de Rafael Ramón Guerrero. Madrid: Trotta, 2002. p. 57-60). Esse aspecto também se observa em Aristóteles, assim, afirma “[...] alguns extremos exibem uma certa semelhança com o mediano – por exemplo, a temeridade se assemelha à coragem, a prodigalidade se assemelha à generosidade [...]” (ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. II, 1108b 30-34).

imediatos que ela proporciona, deve opor a este prazer o dano futuro que resultará da ação, assim, o prazer que provém da ação feia será reprimido, de modo que será fácil abandonar o feio. Por outro lado, se há uma desmotivação na realização de ações belas devido o dano imediato, deve-se opor a isto o prazer futuro que a ação irá proporcionar, de modo que será possível reprimir o dano imediato que provém do belo e será fácil realizar ações belas.

Contudo, nem todo indivíduo consegue chegar a essa compreensão dos prazeres e danos, a fim de optar pelas coisas belas e rejeitar as feias. Apenas alguns sujeitos possuem boa reflexão e decisão para fazer o que a razão os impõe, a tais é conveniente chamá-los de livres; por outro lado, há os que não possuem nem boa reflexão, nem decisão, sendo denominados bestiais. Outros carecem apenas de uma poderosa decisão, sendo chamados de servos por natureza, e existem os que não possuem excelente reflexão, mas têm poderosa decisão de modo que outros podem refletir por eles (Cf. AL-FĀRĀBĪ, 2002, p. 62). Observando-se as diferentes classes humanas e sabendo que grande parte não consegue se inclinar ao correto, quer seja pela carência de uma predisposição ou hábito, questiona-se como é possível ajudar tais indivíduos? Al-Fārābī utiliza a analogia do médico para explicar como ajudá-los, uma vez que considera que o desvio da mediania é uma enfermidade da alma, afirma que o responsável por orientar os humanos no caminho correto e ajudá-los a abandonar os vícios e perseverar nas virtudes é o político. Portanto, o filósofo árabe afirma: “Quem prescreve o tratamento dos corpos é o médico, enquanto quem prescreve o tratamento das almas é o político, que também é chamado de rei”<sup>38</sup> (AL-FĀRĀBĪ, 1992, p. 112).

O político e o médico têm em comum suas atividades, diferenciando-se pelos objetos de suas artes, pois o objeto do médico são os corpos e o objeto do político são as almas (Cf. AL-FĀRĀBĪ, 1992, p. 111). Sendo a alma mais nobre que o corpo, o político é tido como mais importante que o médico (Cf. AL-FĀRĀBĪ, 1992, p. 111-112). Para que o médico possa tratar dos corpos é necessário conhecê-los, do mesmo modo, para que o político possa tratar da alma é preciso conhecê-la, assim como suas partes, os defeitos e vícios que a afetam, suas disposições por meio das quais o indivíduo pode realizar boas ações e como fazer desaparecer os vícios dos cidadãos. Para que seja possível encontrar a mediania para a saúde do corpo o médico usa a medicina, enquanto que para mediania da alma o governante ou rei utiliza a arte real (*al-mihnat al-malakiyya*) e a ciência política (Cf. AL-FĀRĀBĪ, 1992, p. 125). Com isto, por meio da política é possível explicar

---

<sup>38</sup> “*Quien prescribe el tratamiento de los cuerpos es el médico, mientras que quien prescribe el tratamiento de las almas es el político, que también se llama el rey*”.

“[...] como as virtudes humanas podem desenvolver-se nas cidades e nações cujo governo, por meio de seu soberano, estabelece as ações e os modos de vida corretos, promove as virtudes morais e as disposições positivas e empenha-se em preservar os bons hábitos para que estes não pereçam”(PEREIRA, 2015, p. 198).

Este aspecto evidencia a necessidade da comunidade, pois para que o ser humano desenvolva suas virtudes deve estar com outros que o auxiliem no processo. Disto se tem que a felicidade é o fim humano, alcançado por meio do desenvolvimento das virtudes e para isto é necessária a convivência em uma comunidade virtuosa, na qual todos cooperam para conquista do bem absoluto.

### **Considerações Finais**

Por meio das traduções, interpretações e da filosofia desenvolvida em árabe (*Falsafa*), muitos conteúdos e obras clássicas sobreviveram, bem como as teses originais dos *falāsifa* (filósofos árabe) influenciaram outros pensadores. Dentre os filósofos árabe Al-Fārābī se destaca. Isto se justifica por, em sua época, ter sido o principal comentador de Aristóteles, bem como quem iniciou a filosofia política no mundo árabe. Também se difere por ter sido um destacado neoplatônico, tendo articulado em sua filosofia os argumentos platônicos, aristotélicos e neoplatônicos. Todavia, este pensador, tido como Segundo Mestre com referência a Aristóteles que é o Primeiro Mestre, não se deteve apenas ao estudo dos clássicos gregos. É bem expresso entre os pesquisadores que o filósofo árabe se dedicou a escrever sobre muitos assuntos, mas seu grande destaque se deu no campo da filosofia política. Nesta área sua investigação estava voltada para constituição de uma comunidade virtuosa, na qual todos os indivíduos alcançam o fim último que é a felicidade. Nesta perspectiva uma das partes da política que se constitui fundamental para o alcance da felicidade é a ética.

É por meio da ética que se conhece o que deve ser feito e evitado para obter a felicidade, a saber: virtudes e vícios. Al-Fārābī compreende que as virtudes são de duas categorias, intelectuais e morais e ambas são fundamentais para o alcance da felicidade. Neste trabalho, iniciou-se com a análise das primeiras e uma vez compreendidas foram analisadas as virtudes morais. As virtudes e vícios morais são resultado das ações que podem ser belas ou feias. Quando as ações são praticadas por um certo tempo desenvolvem um hábito que quando provém das ações belas resulta em virtude e sendo originado das ações feias implica



em um vício. As virtudes morais provêm da justa medida, enquanto os vícios são oriundos dos extremos (por excesso ou deficiência).

Diante disso foi possível investigar por qual meio os indivíduos optam pelo virtuoso ao invés do vicioso. Foi exposto que é por meio do excelente discernimento (virtude intelectual) que os seres humanos podem reprimir a realização de um ato feio pelo dano futuro que dele provém, bem como podem se motivar a realizar uma ação bela pela satisfação futura que ela origina, de modo que será fácil reprimir o feio e realizar o belo. Todavia, há de se questionar: o que deve ser feito quando um indivíduo por si só não é capaz de realizar o belo e optar por ele em tudo o que faz? Nisto se aplica a premissa básica do pensamento farabiano: o ser humano é um animal político que necessita de outros para alcançar seus objetivos e seu fim último. Nisto se tem que a felicidade é algo obtido na comunidade e com o auxílio de muitos.

Assim apresentam-se as conclusões a que a presente investigação chegou, respondendo-se a grande questão deste trabalho que é acerca da necessidade das virtudes para o alcance da felicidade. Este trabalho buscou demonstrar que a felicidade é algo de caráter racional e social. Para que a felicidade seja obtida é preciso que o ser humano escolha o que é bom durante todo tempo de sua vida, com isto Al-Fārābī demonstra que cada indivíduo é capaz de construir um caminho, baseado na razão (propriamente a filosofia), que o conduzirá à felicidade, de modo que esta possibilidade de autodeterminação impossibilita a existência da predestinação. O caminho proveniente da razão deverá ser empregando tanto no indivíduo, como na comunidade da qual participa. Assim, todos alcançarão seu objetivo final.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AL-FĀRĀBĪ, Abū Nasr. *Artículos de la ciência política*. In. *Al-Fārābī: Obras filosófico-políticas*. Traducción, introducción y notas de Rafael Ramón Guerrero. [S. l: s. n], 1992.

\_\_\_\_\_. *Catálogo de las ciências*. Traducción de Ángel Gonzales Palencia. Madrid: CSIC, 1953.

\_\_\_\_\_. *Concordia entre el divino Platón y el sabio Aristóteles*. Traducción, prólogo y notas de P. Manuel Alonso y Alonso. Madrid: Pensamiento, 1969.

\_\_\_\_\_. *El camino de la felicidad*. Traducción, introducción y notas de Rafael Ramón Guerrero. Madrid: Trotta, 2002.

\_\_\_\_\_. *Libro de la política*. In. *Al-Fārābī: Obras filosófico-políticas*. Traducción, introducción y notas de Rafael Ramón Guerrero. [S. l: s. n], 1992.

\_\_\_\_\_. *Libro de la religión*. In. *Al-Fārābī: Obras filosófico-políticas*. Traducción, introducción y notas de Rafael Ramón Guerrero. [S. l: s. n], 1992.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução, textos adicionais e notas Edson Bini. 3º Ed. Bauru-SP: Edipro, 2009.

\_\_\_\_\_. *Metafísica*. Ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale, Tradução Marcelo Perine. 4º Ed. São Paulo: Loyola, 2014.

AVERRÓIS. *Comentário sobre a "República"*. Tradução Anna Lia A. de Almeida Prado, Rosalie Helena de Souza Pereira. 1º Ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

FAKHRY, Majid. *Ethical Theories in Islam*. Leiden: E. J. Brill, 1991.

ISKANDAR, Jamil Ibrahim. O caráter moral belo segundo Al-Fārābī. *A ética medieval face aos desafios da contemporaneidade*. Organização de Marcos Roberto N. Costa e Luis A. De Boni. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 161-172. 2004. ISBN 85-7430-496-4.

PEREIRA, Rosalie Helena de Souza. Al-Fārābī e a Política, a Arte Real. *Poliética*, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 194-223. 2015.

\_\_\_\_\_. Felicidade, fim último (télós) e perfeições humanas no Comentário sobre a República de Averróis. *HYPNOS*, São Paulo, v.32, n. 1, p. 66-88. 2014.

PLATÃO. *A República*. Organização e tradução por J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2012.

RAMÓN GUERRERO, Rafael. *La recepción árabe del De Anima de Aristóteles: Al-Kindi y Al-Fārābī*. Madrid: Consejo Superior de investigaciones científicas, 1992.